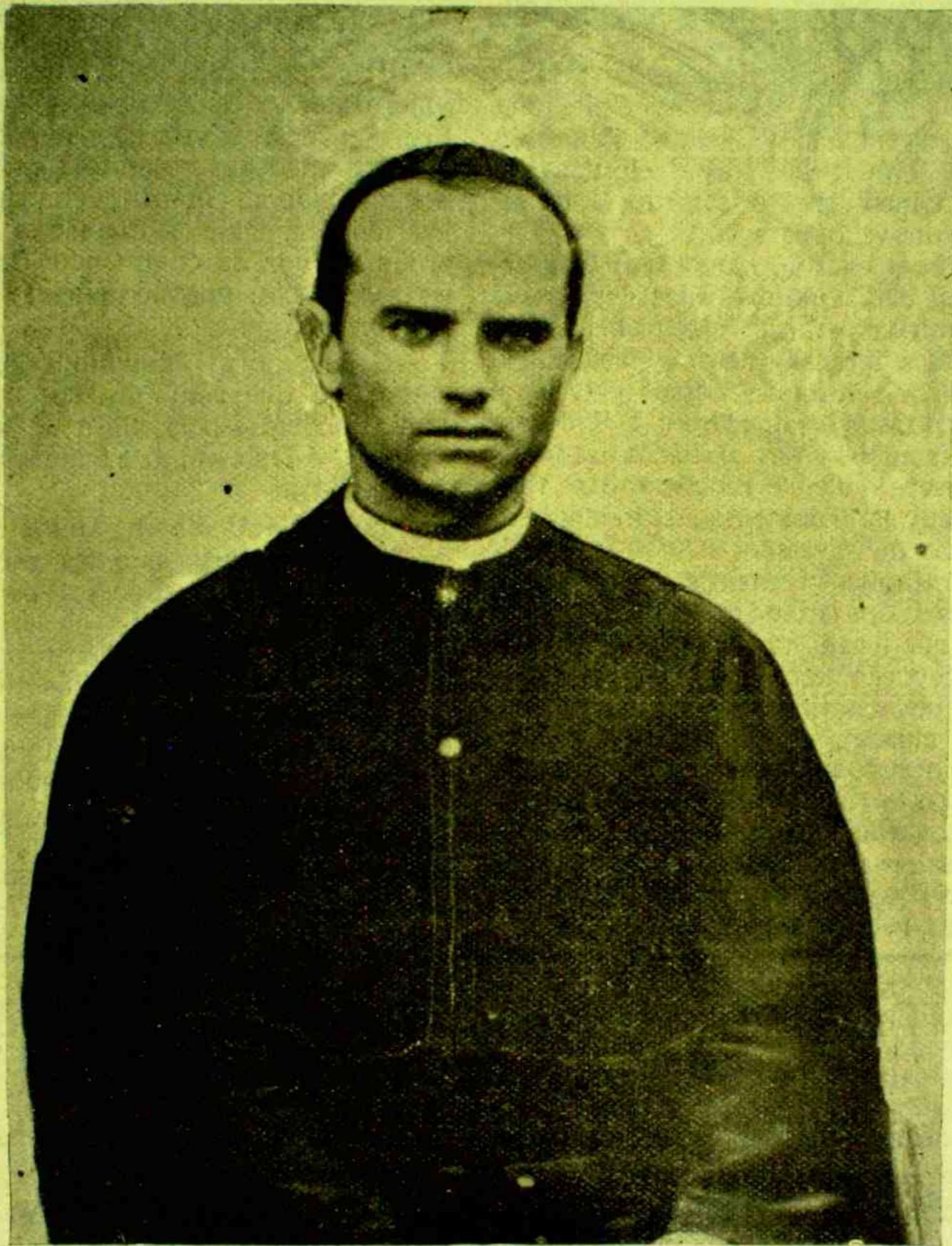


# AVE MARIA

Anno XIII.

São Paulo, 9 de Outubro de 1910.

Num. 41



Reverendissimo Padre Martinho Alsina

Superior Geral da Congregação dos Missionarios Filhos do Coração de Maria,

## GRANDE ROMARIA

— AO —

## Santuário do Coração de Maria.

Dia de jubilo e de commoção é o dia de hoje em que S. Paulo vê confluír pelas arterias de suas esbellas ruas a ingente multidão de catholicos romeiros.

Vêde-os enfileirados, piedosos, cantando a Deus e a Maria os louvores e alleluias que os Anjos entoam no Céu ao Altissimo e á excelsa Rainha dos côros celestiaes. O entusiasmo lhes eleva o espirito, a ternura lhes commove o coração.

Não fôram esses longos e copados arvoredos que dão a nossas ruas e praças a feição de ameno paraiso: não os bellos jardins de nossas praças, nem a festejada e majestosa architectura de nossos palacios e estabelecimentos que attrahiram a S. Paulo os devotos romeiros das afastadas regiões. Não os movera o alegre rebuliço das ruas centraes, nem as distracções e entretenimentos das casas de diversão.

Esses catholicos romeiros que levam na frente os candidos estandartes do Coração de Maria, que levam no peito a insignia de sua terna devoção, esses valentes do christianismo que desafiam, ás vistas de uma grandiosa cidade, e matam o respeito humano, lançando aos ares no meio de nossas praças e ruas, a sua crença catholica, esses novos e altivos soldados da religião que externam sem pejo, á face dos cobardes, e dos scepticos modernos, a sua fé avoenga que embalou as gerações de vin-

te seculos, vêm a S. Paulo venerar o objecto de seu amor, vêm honrar a Rainha de seus corações, vêm cantar, enleiadados de ternura, ao Coração de sua Mãi amantissima.

E como Paulo, o grande Apostolo, vai a Jerusalem, á cidade Santa, para ouvir a Pedro, e nelle a voz do Espirito Santo, agora os piedosos romeiros com fé na alma e humildade no coração, vêm saudar os seus Prelados, chegam a escutar a palavra de ordem, a voz de commando de seus chefes espirituales, porque delles sairá a voz do Senhor.

Sejam, pois, bemvidos os valorosos peregrinos que vêm festejar, reunidos em paz, conciliados pelo amor, e unanimes na vontade, o Dulcissimo e Santissimo Coração de Maria.

E a *Ave Maria* que tantos echos de devoção e de entusiasmo fez ouvir por todos os recantos das dioceses sul-brasileiras, visitando semanalmente os lares sagrados das abençoadas familias, ensinando as grandezas de Maria, entoando os seus infindaveis louvores e lançando nos corações a fructifera semente da devoção ao Coração sagrado de Maria, sauda-os jubilosa e com toda a effusão, desejando que a bondossissima Senhora colme suas almas de favores e os proteja largamente com suas bençans.

A REDACÇÃO.

## Immaculado Coração de Maria

A grandeza excessiva de sua pureza, a perfeição de seu amor para com o seu Creador reflectiu em todos os seres creados.

Seu bello coração, ardendo em purissimas chammas accesas pelas altissimas virtudes, formou-se um brazeiro iuestinguível onde se purificam os que procuram aquecer seus membros enregelados, ameaçados e perseguidos pelas paixões, que lhes tornariam ine-

vitavelmente a vida infeliz na eternidade.

Chammas beneficas! Ao seu calor germinam bellas flores, vergam alvos lírios. proliferam candidas açucenas.

Horto miraculoso! alimentas em teu seio arvores soberbas que desagregadas entregaram-se a vosso serviço, dispersas por todas as partes do mundo, acclimataste em todos os paizes, adaptaste em todos os meios; os rebentos

promissores de estirpes nobres; inspirastes para que deixassem as doçuras dos climas patrios; os amigos da infancia; transformaste, desprovidos de recursos, levando sómente consigo a fé viva que anesthesia todos os soffrimentos.

Será possível que fique frio quem se aproxima do seu Coração? centro inflamavel que nos vivifica, brazeiro soberbo que nos aquece e nos attrahe pelas suas particulares virtudes, entre tendo a nossa vida; sem o vosso auxilio morreríamos enfezados como as plantas que não recebem os raios quentes do sol.

Premuiremo nos com os meios aconselhados para receber e concentrar o seu calor, moderar a sua intensidade, de accordo com as nossas forças.

Se a impressão nítida da sua grandeza nos acompanhasse, teríamos o nosso lar bafejado com a doçura das suas benções, nossos infortunios immediatamente remediados, nossos soffrimentos suavizados com a resignação; convencer-nos íamos de que a sua pureza supplanta todos os males que nos affligem, e augmentam assustadoramente.

E' a razão pela qual observamos contristados a decadencia dos costumes, que dia a dia, mais se enfraquecem; levantam se por toda a parte desordens provocando reclamações escandalosas; introduzindo-se no seio das famílias que não fiscalizam os seus lares, banindo-os como nocivos e corruptos.

Imprimiremos em nossos corações a sua imagem, a vehemencia de nossos desejos grava-lo-á profundamente, despertará affeição para nossos semelhantes, a comprehensão dos nossos deveres, e uma convicção sincera que dará optimos resultados.

Pela falta de convicção consentem criminosamente que ataquem a nossa religião, por tolerancia cedem, não querem desagradar; assistem impassíveis

suas depreciações, eivadas de malícia e completa ignorancia, refutam a verdade revelada e sustentada por mil e tantos annos de luta activa e victoriosa.

MARIA TOLEDO LIMA,

Passa-Quatro, Setembro 1910.

## DECRETO

DE S. S. PIO X

(Conclusão)

**Conhecimento  
necessario**

De tudo isto se collige que a idade da discricao para poder chegar devotamente ao altar a receber a communhão é aquella em que o menino póde distinguir o pão eucharistico do pão commum e corporal.

E assim, não se exige nm perfeito conhecimento da Fé, sendo bastante alguns elementos, isto é, *algum conhecimento*; nem o pleno uso da razão, bastando um uso incipiente, isto é, *algum uso da razão*. Por isso differir por mais tempo a Communhão, determinar idade mais madura para a receber, é inteiramente reprovado, e a Sé Apostolica o reprovou muitas vezes.

**Corrigindo** Assim o Papa Pio IX de santa memoria, na carta do cardeal Antonelli aos bispos de França de 12 de março de 1866, reprovou fortemente o costume que se ia introduzindo n'algumas dioceses de differir a primeira communhão para idade mais adeantada e prefixa. Da mesma sorte se houve esta Sag. Congregação da disciplina dos Sacramentos na causa Argentina (Estrasburgo) a 15 de março de 1910; na qual como se discutisse se os meninos de doze ou quatorze annos podiam ser admittidos á Sagrada Communhão, respondeu: «Os meninos e as meninas devem ser admittidos á primeira communhão logo que cheguem aos annos da discricao, ou ao uso da razão.»

**Determinações da  
Sda. Congregação**

Ponderadas, pois, maduramente estas coisas, esta Sagrada Ordem da disciplina dos Sacramentos, na congregação geral de 15 de julho de 1910, no intuito de cortar os citados abusos, e chamar a Jesus Christo os meninos desde os mais tenros annos, para que vivam da sua vida, e encontrem um amparo contra os perigos da corrupção, julgou opportuno estatuir o seguinte como norma, que se guardará em

todo o mundo, ácerca da primeira communhão:

I A idade da discrição para a confissão e communhão, é aquella em que o menino começa a raciocinar, isto é, pelos sete annos pouco mais ou menos. Então começa a obrigação de satisfazer a ambos os preceitos da confissão e communhão.

II Para a primeira confissão e primeira communhão não é necessario un conhecimento pleno e perfeito da doutrina christã. O menino irá depois gradualmente aprendendo todo o catecismo, seguido a sua intelligencia.

III O conhecimento da religião que se requer no menino para a primeira communhão, é aquella em que segundo o seu desenvolvimento percebe os misterios da fé necessarios por necessidade de meio (*necessitate medi*) e distingue o pão eucharistico, com a devoção propria da sua idade.

IV A obrigação do preceito da confissão e communhão que liga o menino, recae principalmente sobre aquelles que o teem ao seu cuidado, isto é, os paes, o confessor, os mestres e o parochos. Aos paes, porém, ou aos que fazem suas vezes, e ao confessor é que pertence admittir um menino á primeira communhão.

V Uma vez ou mais no anno cuidem os parochos de fazer alguma communhão geral de meninos, chamando a ella não só as creanças que commungam de novo, mas tambem aquellas que já tinham commungado antes pela primeira vez por consentimento dos paes e do confessor, como dissemos. Para umas e outras haja alguns dias de instrucção e preparação.

VI Os que teem a seu cuidado as creanças, devem fazer com que depois da primeira communhão se cheguem muitas vezes á sagrada meza, e, se possivel fôr, todos os dias, conforme o desejo de Jesus Christo e da Igreja, e o façam com a devoção propria de sua idade. Lembrem se aquelles a quem pertence, do gravissimo dever que teem de providenciar para que ás catecheses publicas assistam os meninos, ou ao menos provejam d'algum modo á sua formação religiosa.

VII O costume de não admittir á confissão, e de não absolver os meninos, que chegaram ao uso da razão, é absolutamente reprovado. Por isso os Ordinarios dos logares cuidem de o extirpar, empregando até os remedios do Direito.

VIII E' inteiramente detestavel o abuso de não administrar o Viatico e a Extrema Unção aos meninos che chegaram ao uso

da razão, e de os sepultar á maneira de parvulos. A'quelles que se não emendarem d'isto, os Ordinarios dos logares castiguem-nos severamente.

Estas determinações feitas pelos Cardeaes d'esta Sagrada Congregação, fóram approvadas pelo N. S. Padre Pio X, na audiencia de 7 do corrente mez, em que mandou publicar e promulgar o mesmo decreto. Manda, bem assim, a cada um dos Ordinarios que levem este decreto ao conhecimento dos parochos e do clero, e do povo, ao qual se deve lêr todos os annos em lingua vernacula no tempo do preceito paschal.

Os mesmos Ordinarios devem no fim de cada cinco annos, juntamente com os outros negocios da diocese, dar conta á Santa Sé da observancia d'este decreto.

*Non obstantibus, etc.*

Dado em Roma no Edificio da mesma Sag. Congregação a 8 de Agosto de 1910.

D. CARD. FERRATA, PREFEITO

PH. GIUSTINI, SECRETARIO

---

## O automovel de um ministro

---

O facto que vamos referir, tem por autor o ministro Julio Burell, do ministerio Canalejas, o mais anticlerical e desbragado que já houve na Hespanha.

O sr. Burell foi, como redactor de jornaes, propugnador da actual politica de aggressões odientas ás instituições e ás sociedades religiosas existentes. E' grande amigo de outro jornalista, Luiz Morote a cujas ideias declarou que estava completamente afiliado. Ora o tal Morote ou maroto, ha tempo que *se declarou ant christão enragé*, dizendo nitidamente para que o entendessem até os catholicos bobos que dão seu voto aos candidatos anticlericaes, que elle «não só intentava guerreiar á Companhia de Jesus, mas tambem ao *mesmo Jesus*». Isto elle cantou nos brindes sobre os banquetes bacchicos dos livres-pensadores e pelas columnas da imprensa.

Allude-se nesta historia a Alexandre Lerroux, chefe das massas revolucionarias de Barcelona, agitador do elemento mais bestial entre os operarios, aos quaes adulava em suas arengas com o epitheto de «jovens barbaros» para que, como os godos e os hunnos, destruíssem tudo o existente, derubando igrejas, conventos, hospitaes, collegios, bancos e tribunaes de justiça.

Esse homem que apparece em nossa relação, viajando de automovel e matando de inveja um ministro de . Majestade, entrou em Barcelona de pé no chão, e sem trabalhar nem seguir carreira litteraria, é agora um rico burguez e chefe poderoso, graças a sua eloquencia revolucionaria e ás especulações sobre os operarios. Elles lhe pagam pelo officio na casa do Povo uma forte quota mensal e recebe dos patrônos das fabricas dous mil duros mensaes (seis contos de réis por mez), segundo falam pessoas informadas, para que não promova as grêves que tanto prejudicam as industrias. Já noutra logar da «Ave Maria» dissemos que os intimos de Lerroux chamam-no «El Condor» por sua insaciavel cubiça.

D. Julio Burell alimentava, entre muitas outras aspirações que vio realisadas, a de possuir *um automovel vermelho*, como o de Lerroux, e de tantos cavallos pelo menos quanto o de D. Alexandre «Um 40 cavallos».

O snr. Burell, nos primeiros dias do Ministerio, fez um gasto enorme com carruagens.

Vingava-se dos tempos nos quaes não tinha ao seu alcance outros meios de locomoção senão os bonds ou um ou outro pesado carro de aluguel.

No dia seguinte ao do juramento e passe do cargo, fez uso da carruagem official durante vinte e quatro horas.

Vinte e quatro horas sem desarrear os cavallos e sem que o cocheiro e lacaio tivessem um momento de descanso. Burell passou todo o dia e parte da noute, e ao recolher-se para descansar esqueceu-se de despedir a carruagem.

A falta de costume!...

Quando na manhã seguinte participaram-lhe que o carro ainda esperava na porta, *empallideceu um pouco*. Depois calculou que haviam passado os tempos em que pagava os carros por horas e tranquillizou-se o snr. Ministro, dizendo unicamente á guisa de commentario: Para casos taes em que são necesarios servicos permanentes, nada mais indicado que o automovel.

Via Burell, *o parvenu*, que os seus outros companheiros de Gabinete dispunham de *auto*, e considerava esta desigualdade humilhante para a pasta que usufruia, para si e para a instrucção publica. Em todos os Conselhos de Ministros lançava indirectas e allusões mais ou menos veladas relativamente á questão do automovel; mas os bons desejos de Canalejas em satisfazer o, e todo o afan do Ministro não bastavam para su-

perar as difficuldades que offerecia a solução do caso.

Não havia dinheiro: as bolsas de viagem, as subvenções, as novas nomeações, as gratificações e favores que se prodigalisam á mãos cheias deixaram as arcas do Ministerio quasi sem uma *peseta*.

Pedir um credito extraordinario, dispôr do material das escolas ou descontar os vencimentos dos mestres para que o ministro podesse satisfazer seu capricho era muito forte, pensando-se de mais que Burell não se atreveria a passeiar a tanto preso como custava ao Ministerio.

Nisto Lerroux trouxe a Madrid seu automovel «Côr de Sangue» e fel-o passear nas ruas da cidade, despertando invejas e infundindo respeito ao proletariado que gosta de ver seus caudilhos, occupando dignamente e logar correspondente á sua representação.

Burell e Lerroux foram antigos *companheiros* e amargava muito ao primeiro ter de reconhecer que a «Casa do Povo de Barcelona» dava beneficios mais pingues do que uma pasta nos Conselhos da Corôa.

Lerroux, para dar-lhe importancia, levou uma tarde a passeio pela Moncloa em seu automovel, o Ministro, seu antigo camarada, ensinando-lhe minuciosamente as excellencias do luxuoso artefacto.

Burell jurou n'aquelle dia que teria automovel, ainda que fosse preciso *vender t dos os bancos e carteiras* de todas as escolas da Hespanha que possuíssem moveis. Chamou os chefes de secção do seu ministerio e exigiu-lhes que procedessem a um acurado estudo á respeito.

Eram necessarias umas duas mil e quinhentas pesetas mensaes para a compra de um bom automovel á praso, e tornava-se preciso arranjar aquelle dinheiro, fosse como fosse, sahisse d'onde sahisse.

«Si não diminuir mos o pessoal», lembraram os chefes.

Burell vio o ceu aberto; pediu as listas dos escreventes, e... este vae, este não vae, em menos de cinco minutos foram decretadas 25 *reduções de empregados*.

Justamente o necessario para a compra de «um 40 cavallos» muito luxuoso, e tão bonito como o de Lerroux.

O automovel de D. Julio Burell, ministro da Instrucção Publica, tambem está pintando de *Côr de sangue*.

A côr dos olhos dos perseguidores.





## Aos preclaros Antistites DA EGREJA BRASILEIRA

*"Pascite oves meas. pascite agnos meos"*  
Palavras de Jesus.

Principes da Igreja! Apostolos bemditos  
Dos suaves preceitos, dos actos inauditos  
Do divino Jesus—Abençoe-vos Deus,  
Agora que, unidos, ergueis da terra aos céus  
Preces fervorosas em pról da christandade  
Em boa hora entregue á vossa autoridade.  
Sim, sêde bemditos, pastores amováveis  
Desta eterna manada de bons e miseráveis  
Que atravessando vae a senda perigosa  
Da passageira vida, mixto d'espinho e rosa,  
De dôr e soffrimento, de treva e claridade...

Viestes combinar com amor e bondade  
O meio mais seguro de ao aprisco levar  
O immenso rebanho que tendes a guardar.  
E irmanados ireis nas luzes do Cordeiro  
A ovelha apascentar e guiar o carneiro  
De que fala bondoso o Verbo de Jesus.  
Felizes vencereis, curvados ante a Cruz  
Misericordiosa e boa e cheia de doçura,  
Que tem braços abertos á toda desventura.

Vencereis, sim, que Deus não pode ser vencido,  
A suprema justiça, o grande amor surgido  
No humilde presepe da modesta Belém,  
Ha muito que nos diz ser o supremo b.m.  
A força e a grandeza, a verdade e a luz  
Tudo quanto brotou dos labios de Jesus,  
Ante o qual nada valem Herodes, Archelau,  
Caligulas e Nero e todo o bando mau  
De pervertidos reis e ondas dissolutas  
Do infame povareu em sanguinarias lutas.

Que para os bons Christãos -nem feras esfaimadas  
Nem supplicios crueis, nem chammas ateidas  
Em horriveis fogueiras poderam no passado  
Amortecer a fé no Deus Crucificado...  
E a barca de São Pedro docemente singrou  
No mar encapellado que ante ella se curvou.

Se a Igreja venceu em meio dos horrores  
Do paganismo vil: se entre cruentas dores  
A fé sempre luziu; se na India e na China  
Em meio aos infieis na tremenda chacina

Dos bugres e selvagens—venceu um S. Francisco,  
Um Anchieta, um Thomé e tantos que sem risco  
Nas mattas sembrenharam guiados pela Cruz—  
Como não vencereis—Ministros de Jesus?!...

Os inimigos de hoje são frageis pigmeus  
Ao lado dos ferrenhos, dos barbaros atheus  
Dos primitivos tempos da pobre humanidade.  
Um fraco Canalejas é simples nullidade  
Ao pé de um sanguinario soldado de Pilatos;  
Um Ferri, um Clemenceau e mais doentes *natos*  
Da nova enfermidade chrismada de sciencia  
Não valem a metade do erro e inconsciencia  
Da suprema maldade e da torpesa vil  
Dos seus antecesseres na campanha infantil  
De abalar as columnas do Templo da Verdade.,  
Tende, pois, para elles a doce caridade  
Por Christo reclamada quando deixou o mundo;  
Combatei os seus erros e o seu mal profundo,  
Mas, qual Deus, perdoai, como pediu Jesus,  
Cheio de doce amor, pleno da eterna luz.

"Como Deus me enviou, assim eu vos envio"  
Ordenou-vos Jesus. Seja plano ou bravo  
O terreno em que fordes, guiae vossos rebanhos  
Co'a doce luz divina, que tem clarões extranhos,  
Ministros do Senhor! Ide em paz, ensinae  
A doutrina do amor.. E, partindo, lalçae  
A vossa santa benção a terra bemfadada  
Deste caro Brasil, a nossa patria amada,  
Em cujo meigo céu resplandece altaneiro  
O bello, o grandioso, o lucido Cruzeiro.

Vossa missão é santa, é nobre e gloriosa,  
Não vindes negar a lei, mas clara e generosa  
Completa!-a, felizes. Tomae vossos bordões  
E voltae, corajosos, com a fé nos corações,  
A levar ao aprisco dos premios verdadeiros  
O rebanho de Deus, de ovelhas e carneiros...  
Ide, baptisae-os e ensinae-lhes o amor  
Pregado por Jesus, em nome do Senhor.

E chovam sobre vós benções celestiaes  
Apostolos de Deus, que um Deus representaes.

S. Paulo, Outubro de 1910



## CONFERENCIA EPISCOPAL

Como era de esperar-se, todo o Brazil catholico, principalmente nos Estados do Sul, acha-se na expectativa reverente e na ancia religiosa de saber o resultado das conferencias que neste Santuario celebram os exmos. snres. Bispos.

As reuniões verificam-se com a maxima cordialidade e união de vistas, somente conspirando para o maior bem das ovelhas que o Espiritu Santo confiara aos seus cuidados.

Brevemente se dará a reunião geral e encerramento da grandiosa conferencia em que os Ungidos do Senhor, animados do zelo mais ardoroso e das mais altas aspirações que podem nobilitar as almas generosas, querendo firmar mais e mais nos corações o alicerce principal e quasi unico em que baseia o bem estar da sociedade que em ardilosas conspirações vae-se minando pelo esforço dos elementos revolucionários; os prudentes guias do povo de Deus, os atalhas e lumieiras de Israel referendarão definitivamente, as sabias e discretas determinações que julgaram convenientes para o desenvolvimento da religião em suas dioceses.

Esta reunião que por si mesma se re commenda aos louvores e estimação dos catholicos, mereceu as approvações e as sympathias de sua Santidade o Papa Pio X, do sr. Nuncio Apostolico, do primaz do Brazil e de muitas e importantes personalidades.

O sr. cardeal Arcoverde recebeu, do cardeal Merry del Val, secretario de Estado do Papa, o seguinte telegramma: «Sua Santidade o Papa Pio X, com os votos de que as conferencias episcopaes sejam fecundas e produzam frutos salutaes, abençoa a V. Eminencia, aos srs. bispos das provincias meridionaes do Brazil e bem assim as suas respectivas dioceses».

Foram recebidos mais os seguintes telegrammas:

Do sr. Nuncio Apostolico: «Com toda a alma felicito os srs. bispos reunidos nessa nobre e prospera capital, por este fausto acontecimento, presagio de um venturoso

futuro para a Egreja, neste vastissimo e maravilhoso paiz».

— Do sr. presidente do Estado do Espirito Santo: «Como catholico praticante, tenho muito honra e satisfacção de apresentar a V. Eminencia meus cumprimentos pela reunião da augusta assembléa dos srs. arcebispos e bispos das provincias ecclesiasticas meridionaes, fazendo sinceros votos para que a illustrada assemblea produza os melhores e mais proveitosos resultados para a egreja e para a nossa cara Patria. Minhas respeitosas saudações a V. Eminencia e aos exmos. arcebispos e bispos ahi reunidos.»

— Do sr. presidente do Congresso Legislativo do Estado do Espirito Santo: «Congratulo-me com V. Eminencia pela installação da Conferencia dos srs. bispos, aguardando de tão sabia assembléa fecundos resultados para a fé catholica e todo o paiz. Respeitosas saudações. — Dr. Julio Pereira Leite»

— Do sr. arcebispo de Cuyabá: «Saudando affectuosamente a V. Eminencia e aos nossos veneraveis irmãos, os arcebispos e bispos reunidos em S. Paulo, participo a V. Eminencia que cheguei ao Rio de Janeiro ante-hontem extremamente abatido em virtude de incommodo de saude de um horroroso temporal. Esforçar-me-ei por comparecer á Conferencia antes de seu encerramento.

— Além destes, foram ainda recebidos telegrammas da redacção d'«A Patria Brasileira» do «Universo», do Rio de Janeiro, e dos srs. arcebispos da Bahia e do Pará.

### Os modernos theocratas.

Não tiveram os povos instituição mais feliz e governo mais paternal que a chamada theocracia, ou fosse exercida sob forma do imperio patriarchal, por successão hereditaria, sobre as primeiras tribus, ou sob a dominação ecclesiastica pela eleição que seus altos conselheiros faziam de um candidato ao poder supremo.





MO. SR. CARDEAL D. SILVERIO D. EDUARDO D. FERNANDO D. JOÃO BRAGA D. ANTONIO A. D'ASSIS  
**J. Arcoverde** arc. de Mariann t bispo de Uberaba bispo de E. Santo bispo de Curityba bispo de Pouso Alegre  
 RUDENCIO G. SILVA D. JOÃO BECKER D. ALBERTO GONÇALVES D. EPAMINONDAS MONS. BENEDICTO  
 spo de Goyaz bispo de Florianopolis bispo de Ribeirão Preto bispo de Taubaté notario

unidos neste Santuario do Immaculado Coração de Maria de São Paulo.

REVISTA "AVE MARIA" ☼

Theocracia quer dizer governo de Deus: e quão feliz e prazenteira não devia ser para os povos o governo da bondade infinita do Creador! Mas o Senhor do mundo, tendo a majestade da realeza, exige o culto interno do coração e a veneração externa, sendo réus de gravíssima offensa ao Rei do Universo os que se envergonham de praticar os actos religiosos do culto externo. Deus também exige a observancia rigorosa ás leis da ordem moral destinadas ao bem estar de todos os homens.

Temos, pois, a theocracia da religião, impondo-se a todas as consciencias, prescrevendo regras de vida que tolhem a omnimoda e absoluta liberdade anciada pelos homicidas, ladrões e libertinos.

Eis o motivo porque os governos theocraticos fôram e são em toda a parte tão detestados pelos cidadãos que, escravos de suas paixões, vêm se contrariados pela lei da moral puríssima que os ecclesiasticos proclamaram e com toda seriedade faziam cumprir. Prova ineludivel desse odio mortifero aos governos zelosos da moralidade, idealizados na theocracracia, constitue uma manifestação moderníssima que se deu em Barcelona. Iam formando um longo prestito todos os desordeiros e revolucionarios da cidade, em honra ao governo de Canalejas pelos decretos já publicados e pelos projectos legislativos que tinha annuciado contra as ordens religiosas e para a supressão do Catechismo em todas as escolas. O elemento feminino da monstrosa procissão era formado por mulheres de má vida com decotes muito rasgados, levando sobre os peitos um cartão que representava a Revolução empurrando um Sacerdote, e com esta legenda: «Tirando este, estaremos tranquilos».

Preferem hoje em dia, quasi todos, o governo que chamam puramente civil. Mas todo christão ha de confessar com S. Paulo, que «não ha poder, senão de Deus». *Non est potestas nisi a Deo.* (Rom. XIII, 1).

De sorte que nenhum poder temporal existe sobre a terra que não seja divino ou recebido do Alto, e exercitado em nome de Deus, do qual os detentores da soberania civil são sómente depositarios.

Nenhum catholico pode sustentar que o poder civil seja de todo leigo e nenhuma relação direita tenha com Deus. Neste caso, contradiz a São Paulo, nega autoridade doutrinal á palavra do mesmo Deus contida nas epistolas de São Paulo, como parte integrante das Escripturas sagradas.

Para maior ponderação e por que se

veja que os governos civis são uma mera theocracia, seguidamente diz São Paulo que o principe *Dei minister est tibi in bonum*: «é ministro de Deus para teu bem». Ministros de Deus, os reis e os presidentes!!! que theocracia mais flamante proclamada por São Paulo no tempo em que o Estado e os imperadores eram ainda pagãos!

Estamos, por tanto, em plena theocracia: estamos e sempre o estaremos, emquanto a anarchia systematica não venha tirar de seus eixos toda a sociedade.

E' um engano, uma inverdade, um reles charlatanismo dizer-se (entre os christãos) que o poder civil nada tem com Deus. Si o disser a Constituição, si o proclamarem as leis, si defenderem esses desatinos os decretos das republicas, digamos que tudo isto é falso, nullo e de nenhum valor perante as consciencias. O catholico não reconhece, não pode reconhecer nenhuma autoridade que não seja investida, para mandar, pelo mesmo Deus, embora *só para o bem*, e mediante os eleitores que lhe transmittiram, como instrumentos de Deus, o chamado poder civil.

Pilatos se gaba de seu poder diante de Jesus, dizendo que tem faculdade para crucifical-o e para dar-lhe a liberdade, como diante do clero e afrontando-lhe a dignidade, se gabam de seu poder absoluto os governos de certos Estados. Jesus Christo, manietado e escarnecido, não duvida responder o que o clero e os christãos de consciencia devem replicar a esses pobres tyranos. «Nenhum poder terias contra mim, si de cima te não fosse dado». E para demonstrar o grande peccado, o gravissimo crime daquelles que apoiam com seu voto os abusos do poder civil sobre a Igreja, continua dizendo: «Porém aquelle que me entregou a ti, maior peccado tem».

Para o que lhes convem, quando querem exigir cega obediencia dos catholicos, certas autoridades civis sabem lembrar os textos apostolicos. Um sacerdote se queixava, em Barcelona, de que nem aos padres se permittisse fallar a uns pressos que se tinham negado a pagar alguns impostos, e perguntava ao capitão general: «Em que paiz estamos?» Ao que este respondeu por escripto: «Estamos num paiz catholico onde obrigam os preceitos de S. Paulo: «Toda alma esteja sujeita ás potestades superiores, porque não ha p testade senão de Deus».

A isto podia retrucar-se que Deus não se pode contradizer e, por tanto, não autoriza os poderes civis nem ainda os eccle-

siasticos, a que se ordenem cousas contra o que elle tem estabelecido.

O poder civil é theocratico, nem que desconheça a Deus e embora o blaspheme e persiga os seus adoradores; mas a autoridade verdadeira e real acaba, por isso, nos limites da justiça.

Mas quem pode dizer á potestade civil: «Até aqui chegarás, porque Deus reprova, Deus não autoriza o que queres mandar nem te communica seu poder para que legitimamente possas impôr tua vontade aos seus servidores, a esses christãos que antes devem obedecer a Deus do que aos homens?»

Eis ahi uma questão de altissima importancia, cuja solução nenhuma difficuldade offerece aos catholicos de viva fé. A quem elles ac dem para solver-lhes as duvidas sobre a moralidade de seus actos? Os christãos que querem salvar-se, servindo a Deus sem peccado, com que sabios, com que pessoas instruidas vão illustrar-se para satisfazer a sua consciencia?

Jesus Christo disse aos Apostolos, seus ministros, e aos successores delles no ministerio: «Ide, ensinae todas as nações... ensinando-as a guardar todas as cousas que eu vos tenho mandado».

Não encomendou o ensino das leis divinas e da moral a Pilatos, presidente da Judea, nem ás potestades superiores civis de Roma. Para conhecer a vontade de Jesus Christo, regra da moralidade de nossos actos, deve-se recorrer aos seus ministros que receberam d'elle a missão de ensinar sua lei, modelo e regra de todas as leis que dictarem os homens.

Temos dest'arte a theocracia autorisando e dando validade ao poder civil e servindo-lhe de norma imprescindivel, quanto á moralidade e á justiça de suas decisões.

LUIZ SALAMERO BUERBA.

## SCIENTIFICAS

**Luto** As Academias de Sciencias estão de luto pelo fatal desenlace da primeira travessia dos Andes em aeroplano. A viagem fôra feliz, provando que os pesados aparelhos podem se lançar ás grandes alturas do Simplon; mas um desarranjo qualquer, quando Chavez se achava em terras italianas e sobre os terrenos baixos, fel-o cair desastradamente, quebrar

as pernas e aos poucos dias morrer. O coração soffreu um notavel deslocamento ao dar em terra o aeronauta.

Gosou Chaves de seu triumpho, enquanto teve as esperanças que lhe deram os medicos, e que acostumam ser muito largas para os proprios moribundos. A sua patria, o Perú, soffreu tambem do desengano, pois já sonhava constituir no exercito um corpo de aviadores que, como o condor altivo, traspassariam os cumes dos Andes.

França, Italia, Suissa e todos os centros aeronauticos adheriram ao luto do jovem peruano. Não faltaram as medalhas commemorativas e não demorará a erecção de um monumento. Uma senhorita teve a ideia de pôr sobre o tumulo uma corôa de flores que havia colhido nas alturas da montanha alpina.

Homenagem tão ephemera como noetica!

**Explorações** A viagem de Chavez, demonstrando do ser possivel o voo sobre os Alpes, facilitará certas explorações aos naturalistas.

O que por ora não é possivel, é a descida *peçoal* ao profundo dos mares, devendo se fazer a exploração por sondas e cabos submarinos. Os noruegueses estão explorando as profundezas do Atlantico até 6.000 metros abaixo o nivel do mar. A mil metros de profundidade se tem achado até 150 especies de peixes, contradictando estas experiencias as theorias anteriores sobre a impossibilidade da vida abaixo de 400 metros, por causa da pressio e da falta de luz, como já indicamos á pag. 503.

O Jardim Zoologico da Capital Federal acaba de receber de Matto Grosso um bellissimo exemplar para figurar na sua collecção. Trata-se de um «jaguar» femea (felis onça) tambem chamado tigre real do Brasil.

O jaguar é amarellado nas costas, com manchas louras, orladas de preto nos lados; estas manchas formam quatro linhas, o ventre é mais claro. Ha tambem variedades, quasi pretas. E' a fera mais terrivel da Guayana, de Surinam e do Brasil; nos desertos não ataca os homens, que o deixam em paz; mas ao pé das fazendas e das roças, quando chega a conhecer a carne humana, é terrivel. Prefere os pretos, os mulatos e os indios aos brancos, que se julgam seguros em companhia dos homens de côr.

Os gauchos das immensas planicies da America Meridional manejam o laço com muita destreza e apanham o jaguar, correndo contra elle a cavallo e atirando-lhe o

laço; depois levam-n'o de rastos, fugindo a galope. Os naturaes apanham-n'o em alcapões, que são de casas toscas, feitas de troncos de arvores; mette-se nellas um porco em uma gaiola; uma ponte levadiça, que está em comunicação com uma taboa no interior da casa, fecha o alcapão, quando o «jaguar» ahi entra. E' medonho o furor do animal, esforçando-se por quebrar a gaiola. O «jaguar» nutre-se da carne de todos os animaes, até não despreza peixes e tartarugas, que os gatos ordinariamente não comem, nada perfeitamente e trepa ás arvores com muita destreza; a pelle é muito estimada, mas a carne não presta.

A fêmea tem dois a tres filhos, que podem ser domesticados; porém, quando envelhecem, a sua perfidia e voracidade não deixam de se manifestar. O exemplar a que nos referimos, acha-se collocado junto aos pumas, é ainda novo, mas é bastante desenvolvido e bellissimo.

Com o «jaguar», o Jardim Zoologico tem a sua collecção de felinos assim constituida: leão, tigre real de Bengala, jaguar, pumas jaguaratirica e o gato do matto (felis macrura).



S. PAULO.—Agradecida ao Coração de Maria, por ter sido attendida em um voto que fiz, envio 5\$ para ser rezada uma missa em seu louvor e para a publicação destas linhas na conceituada revista *Ave Maria*—Francisca Penteadó.

—Lecnor Siqueira penhorada agradece ao Immaculado Coração de Maria, duas graças alcançadas e pede á publicação na simpatica *Ave Maria*.

—Uma Filha de Maria agradece ao Immaculado Coração de Maria ter lhe valido numa grande afflicção.

PINDAMONHANGABA. —Olivia Vieira Alves agradece ao Bondoso Coração de Maria diversas graças alcançadas.

—Um devoto do I. Coração de Maria tendo alcançado uma graça cumpriu a promessa de entregar 1\$ para os doentes pobres em Pindamonhangaba.—O. V. A.

PEDERNEIRAS.—Junto encontra 10\$ para tres missas em acção de graças ao I. Coração de Maria: isto por umas graças recebidas do mesmo e do V. P. Claret.—O correspondente.

PIRACICABA,—Frometti ao I. Coração de Maria de mandar dizer uma missa no seu Santuario, se meu cunhado sarasse da doença que soffria; fui attendida.—Maria Martins Macedo.

—Pessoa da minha amizade e affastada da religião, soffria das faculdades mentaes; prometti pu-

blicar na *Ave Maria* se elle sarasse e confessasse o que felizmente se deu.—A mesma.

—Estando um meu parente desenganado dos medicos pedi ao I. Coração de Maria, para que sarasse e fui attendido: alcancei ainda muitas graças.

—Remetto 5\$ para uma missa, por ter alcançado uma graça do Coração de Maria.—Rita Azevedo.

S. PEDRO DE PIRACICABA —Agradeço á Virgem das Virgens uma graça que alcancei.

—Offereço 1\$ para velas: peço a Nossa Senhora uma graça importante, que publicarei na *Ave Maria* se a alcançar.—Uma assignante.

—Humildemente agradeço uma graça extraordinaria que alcancei pela valiosa protecção de minha Mãe do Céu. Junto envio 2\$ para o Santuario; conforme promessa peço publicar.—Uma Filha de Maria.

SÃO JOAQUIM.—O sr. Jeronymo Fernandes, nos pede para publicar, que obteve tres graças do Immaculado Coração de Maria.

Cumpra a promessa de offerecer 7\$, sendo 2\$ para velas no altar em que for celebrada.—Jacomo Cernach.

AMPARO.—O meu netinho Manuel Carlos, de um anno, esteve gravemente doente, e depois de tratado por distincto medico, perdemos a esperanza de salvá-lo. Lembramos então de invocar o auxilio do Coração de Maria, e ficou completamente restabelecido.—Angusta Martins.

CANTAGALLO.—Agradeço uma graça alcançada do Sagrado Coração de Maria. Envio 500 réis, e peço publicar na *Ave Maria*.—I. S. G. filha de Maria.

SÃO JERONYMO.—(Rio Grande do Sul).—Agradeço por um favor recebido, envio 5\$000 para cera, para o altar do Coração de Maria.—Chiquinha Andara Coelho.

S. JOÃO B DE CAMAQUAM.—Junto remetto-vos a quantia de 2\$, para comprar velas e acender no altar do Sagrado Coração de Maria, em cumprimento de uma promessa que fiz pelo restabelecimento de meu pae.—Luiza Maraninchi.

SANTOS.—Agradeço ao Sagrado Coração de Maria uma graça alcançada em pessoa de minha familia: trata-se de uma milagrosa cura operada em um menino de nome Idt, filho de D. Clarinda de Castro Pontes e peço publicação na *Ave Maria*.

Conego Dr. Martins Ladeira

## DO RIO

A União Catholica Brasileira organizou uma serie de conferencias em resposta aos dispautes do communista Clemenceau que nos vende uma democracia fantastica, querendo encobrir de purpureos cortinados a negra campanha de torpezas e latrocinios que elle e seus escravos satelites emprehenderam contra os catholicos da França.

A União tinha combinado com a Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura para serem dadas no seu edificio as conferencias. Chegou o dia e hora marcada da primeira conferencia que ia dar o dr. Lucio dos Santos, lente da Escola de Minas de Ouro Preto e delegado diocesano do Centro Catholico do Brasil: tudo estava prompto.

Grandiosa manifestação de apreço do povo Paulista aos Exmos. Bispos do sul do Brasil



1 A presidencia.—O Dr. J. J. Carvalho, pronunciando o discurso.



O povo durante a manifestação

os convidados quasi á porta, quando o director do Gabinete, como si a casa fosse sua, se quadra na soleira e diz e perjura que elle não tolera manifestações contra Clemenceau, porque o acompanha nas ideias., como si os grandes ciganos da politica tivessem ideias... Os socios da União Catholica não ajoelharam com supplicas nem estacaram ante o obtuso chefe dos soletradores do Gabinete. Protestaram contra o illustrado moleque das luzas terras e fôram procurar logar no salão do Circulo Catholico. Para que tal conspiração, perfeitamente canalha e maçonica, contra as conferencias, não tivesse resultado, ficaram alguns moços á porta do malsinado Gabinete para avisar os concorrentes que fossem ao novo salão, o qual esteve cheio «au grand complet».

O presidente, dr. Nerval de Gouvea, fez a apresentação do orador e declarou o intuito das conferencias. O secretario sr. Pio Ottoni, leu os telegrammas de adhesão dos quaes correspondiam a Minas Geraes 58.000 adherentes. O dr. Lucio declamou sua conferencia, *Democracia e Governo*, que durou mais de uma hora, sendo ouvida com toda a attenção e acompanhada com entusiasticos applausos. Refutou com perfeito conhecimento de causa a primeira conferencia do ex-ministro francez e pulverizou todas as suas falsidades e preconceitos.

**Reclamações** Os positivistas querem nos impingir que sob a « Ordem e Progresso » estamos no melhor dos mundos. Os europeus não estão pelos autos, pois realisou-se em Londres uma importante reunião de representantes de todas as linhas de paquetes que fazem o serviço para o Brasil, inclusive das companhias allemans, francezas e belgas.

A reunião fôra convocada para se estudar um meio qualquer de defesa contra a enorme balburdia da descarga no novo cáes do porto do Rio de Janeiro.

As companhias queixaram-se de que os navios atracados só descarregam para o cáes uma pequena parte das mercadorias. A maior parte das mercadorias é desembarcada do costado opposto para os velhos saveiros, onde ficam em deposito, á custa da companhia, por um prazo que, não raro, chega até 28 dias. O governo não tem armazens sufficientes, e o pessoal que nelles trabalha não tem nenhuma pratica do serviço. Nem sequer ha caminhos decentes que conduzam ao centro commercial.

A tudo isso se une, para aggravar as coisas, a politica mesquinha e tacanha dos arrendatarios com as suas mil e umas exi-

gencias impertinentes. A commissão na reunião que fez, não pôde concluir o exame da questão, tendo marcado uma nova reunião para se resolver em definitiva sobre o assumpto.

**Distancias** Estando proxima a inaugurar-se a estrada Rio-Porto. Alegre, os jornaes publicaram um elenco de distancias entre varias das mais importantes estações. Apontaremos a distancia até esta capital.

Rio de Janeiro a S. Paulo	496 kilom
» a Itararé	932 »
» a Curytiba	1275 »
» a P. da União	1538 »
» a Rio Uruguay	1826 »
» a Passo Fundo	1826 »
» a Cruz Alta	2203 »
» a Sta. Maria	2364 »
» a Porto Alegre	2752 »
» a S. Pedro do R. Grande	2966 »

O tempo de viagem ininterrupta é de 96 kilometros.

## Manifestação colossal.

Tal nome merece a que fizeram os catholicos de S. Paulo aos Exmos. Prelados das Dioceses brasileiras no domingo, ultimo 2 do corrente. Os jornaes que se batem em ideias anticlericaes hão de esforçar-se por desviar a verdadeira opinião a respeito desse facto extraordinario, ora tergiversando a verdade, diminuindo-lhe a importancia, ou talvez envolvendo-o num malicioso silencio. Mas a verdade não pode ser obscurecida. E' necessario que essa manifestação appareça em toda sua grandiosidade aos leitores da *Ave Maria*; é necessario que devasse as fronteiras e atravesse os mares e todo o mundo fique sabendo que nesta culta cidade de tão gloriosas tradições, quando se trata de confessar a fé e dar publico testemunho de adhesão aos hierarchas que nos governam, pode-se contar com a quasi totalidade do povo. Bastou a voz de um organizador competente e milhares e milhares de catholicos lançaram-se á rua. Não eram só as creanças, mulheres e sacerdotes que appareciam partidarios da religião; ao lado destes em grande numero, é verdade, figuravam os homens de mais prestigio na sciencia, no commercio, na magistratura, grupos bem compactos que em columna cerrada passeavam triumphantes o signal da redempção. A manifestação do domingo foi imponente

quanto cabe pensar; espontanea como que interpretava os sentimentos que fervem no coração dos catholicos de S. Paulo; ordenada, como são sempre ordenadas todas as manifestações religiosas, onde os manifestantes sentem se inspirados, impulsionados por uma ideia superior, sympathica, sublime e divina.

Do largo da Sé, onde confluíram, partiam occupando seu logar todas as associações, irmandades, collegios catholicos com seus distinctivos e estandartes; era interminavel aquelle perpassar de novos centros, cada um com suas bandeiras desfraldadas pelas ruas mais centraes da grande cidade, em demanda do Seminario. Quando o prestito chegou á Praça Tiradentes frente ao Seminario já estava em grande parte occupada pela multidão. Foi se alargando aquella onda humana tão ao longe que tornou se impossivel escutar a voz dos oradores. Estes foram J. J. de Carvalho, interprete dos sentimentos do povo catholico que lá se reunia, e o exmo. sr. d. João Correa Nery, Bispo de Campinas, respondendo ao anterior em nome do Episcopado. O dr. Carvalho fez um discurso acabado, que anda reproduzido na imprensa. D. João Nery ponderou a magnificencia daquella manifestação colossal, e se alegrava, disse, de ver que os Bispos não estariam isolados na causa que defendem contando em cada um de nós um filho carinhoso, um subdito obediente, um soldado aguerrido, um cooperador constante; e pediu ao emmo. sr. Cardeal que se dignasse abençoar aquelle rebanho incontavel em nome dos 18 Prelados alli presentes, tão fervidamente homenageados. Então sua eminencia, profundamente commovido, teve umas breves, porém significativas palavras para seus caros paulistas, dizendo-lhes que não eram novas para sua Emcia. essas manifestações de apreço, de respeito e de amor que estas nobres gentes sempre souberam dar aos seus Pastores espirituaes; que o magnanimo coração de S. S. o Papa Pio X receberá grande consolação no meio das suas maguas pela sorte que atravessa a Igreja; finalmente levantando sua augusta mão ao céo, invocou sobre aquelles fieis innumeraveis as bençãos de Deus Padre, de Deus Filho e de Deus Espirito Santo.

Os vivas estrondosos e os accordes de dez bandas de musica, toca do os hymnos pontificio e nacional, enchiam os espaços longinquos e o préstito desfez-se ornadamente. Vivam os egrejos Prelados da Igreja brasileira! Viva S. Paulo que tão bem os soube honrar!

## Notas e noticias

### Hospede illustre

Acha-se de novo entre nós o Rvmo. P. Martinho Alsina, Superior Geral da Congregação dos Missionarios Filhos do Coração de Maria. E' a terceira vez que, desde a nomeação para o alto cargo que occupa, em visitar esta abençoada terra da Santa Cruz: com que demonstra sua Revma. o grande amor que dedica ao Brasil e o muito zelo que o anima a procurar o maior bem espiritual das almas, a cujo ministerio se dedicam, incançaveis, os Missionarios do Coração de Maria.

Estando actualmente reunidos neste Santuario dezenove Prelados da Igreja Brasileira, sua Rvma. poderá, mais uma vez, admirar a vitalidade religiosa deste paiz e tratar com elles sobre alguns meios de fomentar a propaganda catholica.

A *Ave Maria*, em nome de seus leitores, deseja-lhe as boas vindas e uma longa e feliz permanencia entre nós.

### Uiajante

Já voltou para o Rio o ex-presidente dos ministros da França, sr. Clemenceau, depois de ter dito em pública Faculdade de Direito, e sem que a nenhum dos lambareiros e complacentes cortejadores do Nerozinho francez lhe subissem as côres ao rosto, affirmou o festejado que co tará na França muita cousa... «como pensam os homens *semi civilizados* do Brazil».

Entre estes cortezãos salienta-se a imprensa diaria, o elemento burocratico e official que na manifestação do dia 2 aos sres. Bispos puderam percceber que estavam divorciados do povo,... não dizemos do povo grosseiro, socialista e descrente, mas do povo instruido e *civilizado* desta capital que formava o préstito gigantesco...

Porque nem os presidentes da Republica e do Estado, nem os hospedes estrangeiros, tão agazalhados pelo officialismo do paiz, tiveram diante de si tanto povo e tão escolhido para ovacional-os, como tiveram aquelle dia os Prelados da Igreja.

### Por fim!

Triumphou em Portugal a Republica suspirada pelos vozeiros da impiedade, pelos bulças do anarchismo.

Um navio de guerra bombardeiou o palacio real, o exercito não acudiu, o rei D. Manuel II caiu prisioneiro dos revoltosos.

Está empossada do poder, sob o nome de Republica, a oppressora maçonaria, matando a liberdade, a burguezia improvisada com sordidas especulações, destruindo a igualdade, o sectarismo odiento aniquilando a fraternidnde.

Nossos pesames á colonia portuguezo.

# O Pyrilampo

## CAPITULO I

Na noute d'um bello dia d'estio, em que o calor tinha sido excessivo e asphyxiante, uma pobre viuva, chamada Maria, estava sentada junto da sua janella aberta. Os seus olhares vagueavam por sobre a bella horta que cercava a choupana, e onde n'essa manhã ella propria tinha cortado as hervas, que depois do jantar amontoára cuidadosamente. O agradável cheiro do feno espalhava á roda d'ella uma aragem refrescante e embalsamada. Já os clarões do crepusculo da noute principiavam a desenharse no horisonte d'um céu puro e sem nuvens, e via-se brilhar a lua, cuja claridade se projectava no soallho muito limpo da sala, através dos pequenos vidros das janelas e da movil folhagem da parreira que os cercava.

O pequeno Fernando, filho unico de Maria, de seis annos apenas, estava de pé, apoiado contra o peitoril da janella. O seu bello rosto, assombreado de lindos caracos de cabellos louros, a brancura das mangas da camisa e o vermelho brillante do seu pequeno collete, igualmente illuminados pelos raios da lua, produziam um effeito encantador.

A pobre mulher sentára-se para descansar. Mas por mais penoso que lhe tivesse sido o trabalho d'aquelle dia ardente, sentia-se mais afflicta do que cansada e as suas mágoas faziam-lhe esquecer a fadiga. Mal tocára na sua frugal ceia, composta de um pedaço de pão molhado numa taça de leite. Até o Fernandinho, partilhando das afflicções da mãe, estava quasi immovel, e mal reparara que ella, envez de comer chorava, pousou a colher diante d'elle e deixou sobre a mesa o prato quasi cheio da sua ceia.

Maria era viuva sómente desde a primavera anterior. Thiago, seu marido, tinha sido o melhor rapaz da aldeia, pois á força de trabalho e economia, conseguira juntar a quantia necessaria para a compra da czinha e terreno junto, não todavia sem se individar um pouco. O terreno não dava senão hervas; mas aquelle homem laborioso tinha-o transformado n'um bello quintal, em que plantou um grande numero de arvores novas, mas já com bellos fructos. Escolhera Maria para sua mulher, posto não fosse mais do que uma pobre orphã. Toda a herança que seus pais tinham deixado áquella excellente filha consistia n'uma boa edu-

cação, graças ao que passava em toda a aldeia por ser a donzella mais ajuizada, mais modesta e mais trabalhadeira. Os dous esposos viviam da mais feliz união, quando de repente o paiz foi invadido por uma febre epidemica, e Thiago falleceu. Sua mulher, tratando-o com a maior dedicação e carinho conjugal, foi attingida do contagio e com muito custo escapou á morte.

Como consequencia naturalissima da sua longa doença e da de seu marido, o seu bem estar soffreu uma grande quebra, e para cumulo da desgraça via-se ameaçada de perder até a czinha que habitava. Thiago, seu fallecido marido, tinha trabalhado durante muitos annos em caza do mais rico labrador da aldeia, e este homem, cuja estima merecera pela sua probidade e amor ao trabalho, querendo recompensal-o, emprestou-lhe, como adiantamento das soldadas, a quantia de que necessitava para comprar a caza e o quintal, sob condição de que todos os annos o iria reembolsando da sexta parte, fosse em dinheiro, fosse em dias de trabalho. Thiago fôra exactissimo nos pagamentos até ao tempo de sua funesta doença e então a divida não passava de 20\$000 réis. Maria sabia tudo isso perfectamente.

Porém o rico lavrador havia fallecido da mesma molestia, e o genro e a filha, que eram os herdeiros, encontraram entre os papeis do defunto a obrigação da totalidade, assignada pela mão de Thiago, ao passo que não sabiam da combinação feita entre credor e devedor, e por tanto exigiram da desgraçada viuva o pagamento da somma emprestada. Consternada, afflicta, a pobre mulher, affirmava, tomando o ceu por testemunha, que seu marido tinha pago a pouco e pouco a maior parte da quantia, devendo muito pouco; mas os seus protestos foram inuteis. O credor chamou-lhe mentirosa e citou-a para juizo, e como não existia a menor prova de qualquer pagamento, a divida foi legalmente constatada. Os herdeiros promoveram em seguida a execução da sentença, e, á falta de outros meios de pagamento, penhoraram a czinha e o quintal, que estava em vespas d'ir á praça.

Debalde a desditosa viuva se lançava aos pés dos impiedosos herdeiros, implorando-lhes que não a expulsassem de sua caza; em vão o pequeno Fernando, pondo-

(Continúa)

Com permissão d. Autoridade ecclesiastica.

Typ. do Immac. Coração de Maria.